



A educomunicação no projeto emancipatório de Boaventura de Sousa Santos¹

Marina Lisboa EMPINOTTI²
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

RESUMO

O presente artigo reúne as ideias de Boaventura de Sousa Santos para provocar uma reflexão sobre novas práticas educativas e desconstruir visões marcadas pelos mitos da igualdade social e oportunidades para todos, da neutralidade e cientificidade, que a escola se incumbiu de fortalecer até hoje. Apresentam-se pontos em que as práticas educacionais podem ser adequadas dentro dos modelos educacionais propostos pelo autor, em que todo tipo de conhecimento é valorizado em busca de um ambiente humanizado e emancipatório.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; educomunicação; projeto emancipatório.

INTRODUÇÃO

A Escola é uma instituição que, atualmente, continua influenciada pelos paradigmas medievais dominantes quando de sua concepção no século XVII. Segue a rígida hierarquização de quem manda e quem obedece, quem ensina e quem aprende, quem fala e quem escuta. Criam-se indivíduos submissos, que entendem que a vida escolar é uma espécie de *via crucis* a ser percorrida, para que, ao final, venha a recompensa da liberdade.

A massificação do ensino, a partir da Revolução Industrial, pouco altera as formas de pensar no ambiente escolar; apenas atribui a estas funções mais amplas na formação do cidadão, como a disciplinarização para convívio na sociedade que se formava. A ideologia dominante, seus hábitos e valores seguem sendo inculcados.

Aos que têm acesso a tal ambiente, tudo é apreendido de forma natural, como se a escola desse iguais oportunidades a seus frequentadores. Mas uma instituição que nasce com o capitalismo é usada para o fortalecimento deste, da mesma forma com que pode ser usada a mídia, por exemplo. São instrumentos burgueses.

Este trabalho³ reúne as ideias de Boaventura de Sousa Santos para provocar uma reflexão sobre novas práticas educativas e desconstruir visões marcadas pelos mitos da igualdade social e oportunidades para todos, da neutralidade e cientificidade, que a

¹ Trabalho apresentado no DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XV Congresso de Ciências da Comunicação

² Mestranda do Curso de Jornalismo (POSJOR UFSC), email: marinaempinotti@gmail.com

³ Trabalho orientado pelo professor Jorge Kanehide Ijuim (POSJOR UFSC)



escola se incumbe de fortalecer até hoje. Apresentam-se pontos em que as práticas educacionais podem ser adequadas dentro dos modelos educacionais propostos pelo autor, em que todo tipo de conhecimento é valorizado em busca de um ambiente humanizado e emancipatório.

A FORMAÇÃO DA ESCOLA CONTEMPORÂNEA

Carvalho (2004) afirma que a escola moderna assumiu uma forma de organização que não é a única possível, apenas a que historicamente lhe foi dada, baseada na invocação de autoridade e relações impessoais e burocráticas. A escola tal como vista hoje, uma instituição universalizada, é produto do capitalismo, mas a ideia de criar um espaço para transmissão de conhecimento é do século XVII. Na época, o conhecimento – que até então era transmitido oralmente pelos mais velhos e sábios - se tornou produto de uma instituição específica e de um conjunto de pessoas que se especializou na transmissão do saber.

Tal cenário era composto pelos alunos, pertencentes às elites, e professores, majoritariamente religiosos. Boaventura de Sousa Santos (2002c) lembra que o vínculo religioso foi progressivamente marginalizado por várias vias, inclusive pela substituição de funções nas diferentes formas de secularização protagonizadas pelo Estado, como a educação. Segundo Aries (1978), até então não havia separações entre crianças e adultos e a escola não estava organizada para disciplinar seus alunos. Isso aconteceria a partir de 1750, com a Revolução Industrial.

O fenômeno criou a necessidade de um número maior de pessoas que soubessem fazer coisas básicas: cálculos simples, ler e escrever, para ser mão de obra nas indústrias, operando máquinas. Outra demanda que nasceu aí foi a disciplinarização dos estudantes, que precisavam ser obedientes à nova hierarquia que se formava.

A forma de pensar atual segue fortemente influenciada pelos paradigmas baseados na certeza – medieval e mecanicista - da primeira concepção escolar que citamos. Alguns aspectos que ainda precisam ser superados são:

- Vida escolar como *via crucis*, baseada na doutrina salvacionista de adiamento dos prazeres e de que o sofrimento leva à recompensa;
- Rígida hierarquização do ambiente escolar;
- Alunos intimidados, submissos e passivos em sala de aula;
- Valorização do individualismo;
- Visão da realidade como a soma das partes.



O ultimo tópico é especialmente importante para entender a importância das práticas educacionais no ambiente escolar. A redução da realidade à soma das partes leva a uma fragmentação indesejada. Aprende-se biologia, matemática e física separadamente, sem a preocupação de saber integrá-las e aplicar o conhecimento adquirido.

A separação faz com que os problemas sejam reduzidos a respostas definitivas. As resoluções simplistas, uma vez alcançadas, levam a estereótipos que, caso sigam sem questionamento, limitam a capacidade de pensamento, enxergando respostas simples para problemas complexos.

Aqui há um diálogo interessante com Edgar Morin (1996), que traz a ideia de que tudo no universo está interligado. Não só há uma ligação entre todos os elementos, como também o todo é composto por partes que, em si, o carregam isoladamente. O autor usa como exemplo as células do corpo humano, que são partes do conjunto, mas têm a informação genética para a composição final. O reflexo do todo nas partes, contudo, não significa não haver diferenças no individual geral; este conserva sua singularidade.

Ainda na visão de Morin, a realidade é construída a partir do conhecimento individual, sendo, portanto, única para cada um. Essa característica ajuda a compreender o pensamento complexo: não existe uma verdade que explique todas as questões do universo, ou uma só forma de agir que seja a certa. Cada ser percebe o mundo de um modo, interpreta-o e, por fim, reage a ele de sua maneira.

Santos (2004b, p. 72) alerta para a urgência em desvendar divisões que impossibilitam de vermos as fronteiras em que a ciência moderna fragmentou a realidade. A união das áreas do Jornalismo e da Educação é possível e gera uma interdisciplinaridade interessante para o ambiente escolar. Permite a integração do conhecimento a favor de um bem comum, compartilhado por ambas as áreas: a conservação e a geração de cultura.

Incorporar práticas jornalísticas na escola é, portanto, agregar possibilidades naturais às crianças nas ações em torno da perpetuação cultural. Naturais por se tratarem de meios de comunicação, presentes desde muito cedo na infância contemporânea, como meio não só de informação, mas de entretenimento. A proximidade entre diversão e informação pode ser uma chave para despertar interesse pela busca por conhecimento.



PRÁTICAS EDUCOMUNICATIVAS

Nos países mais urbanizados, o que inclui o Brasil, crianças e jovens passam mais tempo em contato com meios de comunicação - internet, televisão, rádio, revistas e videogames – do que na escola. O consumo de mídia na infância e adolescência só perde para o período de sono⁴. Conhecendo a centralidade que a mídia ocupa na sociedade, a Educomunicação propõe levar o Jornalismo às escolas.

Ela deve atuar por duas vias. A primeira é ver os jovens como consumidores, interpretando criticamente as mensagens que recebem. A segunda é desafiá-los como produtores de mídia, para que usem as tecnologias disponíveis – o que vai desde uma folha de papel até gadgets sofisticados - para expressar seus pontos de vista.

A meta é tornar os alunos conscientes sobre a atuação dos veículos de comunicação e usufruir dos recursos hoje possibilitados pelas TICs (tecnologias da informação e comunicação). Veremos nos próximos tópicos mais detalhes sobre atividades educacionais e como elas se adaptam no ambiente escolar proposto por Boaventura de Sousa Santos.

O PARADIGMA ATUAL

Para Santos (2002) vive-se um momento de transição entre o paradigma da ciência moderna e um novo paradigma emergente: o da ciência pós-moderna. Isso ocorre porque a modernidade não tem oferecido os resultados prometidos às grandes questões da humanidade. Nas discussões em sala de aula, baseados no texto de Moreira (1993), vimos que o ideal iluminista repercutiu as avessas na modernidade. Como lembra Rouanet:

“No Iluminismo encontramos as bases programáticas da Modernidade”. Para o mesmo autor, no entanto, “sem dúvida nenhuma, a Ilustração ajudou a preparar a Modernidade, mas não podemos dizer que a Modernidade seja a Ilustração realizada”. (1987, apud MOREIRA, 1993, p. 139)

Para o autor, a racionalidade iluminista reflete na Modernidade de maneiras boas, como no acelerado progresso tecnológico, mas de outras formas questionáveis,

⁴ ⁴ “David Buckingham fala sobre Educação para as mídias”. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/formacao-continuada/david-buckingham-fala-educacao-midias-618125.shtml> Acesso em 12/12/2013.



como a criação de um padrão de atitudes determinado pela concepção moderna de mundo – racionalista, mecanicista e reducionista. Se por um lado a razão traz autonomia, a sociedade de consumo formada molda seres individualistas e competitivos, levando a uma uniformidade responsável pela extinção das diferenças individuais.

Reconhecer as diferenças é vital para respeitá-las. A educomunicação surge aqui como possibilidade para que cada aluno expresse sua visão de mundo através das práticas jornalísticas. As questões que afetam cada um podem ser expressas da maneira que melhor convir individualmente, mas com o intuito de divulgá-las, para serem conhecidas e, aí sim, criar a possibilidade de serem respeitadas.

O novo paradigma previsto por Santos valoriza ainda mais os trabalhos gerados a partir das práticas educacionais, já que é denominado o paradigma de um conhecimento prudente para uma vida decente. O que se busca é possibilitar o diálogo entre os discursos do senso comum e os discursos da ciência, promovendo um conhecimento que se move nas relações entre ambos. Uma ciência voltada para o bem social e um saber prático direcionado para o bem coletivo.

Todo conhecimento científico-natural é visto como conhecimento científico-social pelo autor. “O conhecimento científico é socialmente construído, o seu rigor tem limites ultrapassáveis e a sua objetividade não implica em sua neutralidade” (SANTOS, 2004a, p. 9). Uma das ideias centrais é de que “não existe natureza humana porque toda a natureza, por si só é humana” (SANTOS, 2004a, p. 72), ou seja, a distinção entre ciência natural e ciência social não tem mais razão de existir.

Outra ideia importante no pensamento de Santos que vai ao encontro dos preceitos educacionais é a de que todo o conhecimento é local e total. É a valorização do que o aluno tem a dizer. A partir das composições interdisciplinares em torno de temas específicos, há a valorização da exemplaridade de determinado conhecimento e a possibilidade de migração de conhecimentos locais para alcances maiores.

É o que se faz quando o aluno é desafiado a produzir conteúdo. A divulgação de uma impressão local, quando usada fora de seu contexto original, reduz a distância entre o local e o global. Esse conhecimento traz grandes potenciais para o pensamento e para a prática educativa.

ESFORÇOS EMANCIPATÓRIOS

A ciência do século XVII era baseada na indução, defendida por Francis Bacon,



e na dedução, de Descartes. A intenção deste, com seu método de decompor o particular para entender o universal, era a emancipação do homem. Embora desejasse ver o sujeito livre de poderes de qualquer ordem, o francês, na verdade, restringiu a possibilidade de criação de conhecimento à ciência; à filosofia cabia apenas a reflexão.

Esforços emancipatórios, assim como os regulatórios, são importantes na Modernidade. Esforços para elevar a qualidade de vida e permitir que a razão gere conhecimentos para que todos possam defender seus direitos e cumprir seus deveres. A escola, como local projetado para a formação do cidadão, deveria ser um espaço privilegiado de produção e socialização do conhecimento, em todas as suas formas: a busca por uma emancipação do indivíduo através do conhecimento prudente para uma vida decente.

“Estamos de novo regressados à necessidade de perguntar pelas relações entre a ciência e a virtude, pelo valor do conhecimento dito ordinário ou vulgar que nós, sujeitos individuais ou coletivos, criamos e usamos para dar sentido às nossas práticas e que a ciência teima em considerar irrelevante”. (SANTOS, 2004a, p.18)

Que tipo de contribuição o conhecimento científico, rígido e imparcial, tem oferecido às nossas vidas? Os saberes populares, ou senso comum, contemplam valores culturais, sociais e religiosos, sendo assim caracterizados por práticas totalizantes, por uma visão integradora, que não desperdiça experiências no processo educativo.

A organização curricular segue, por ora, linear, descontextualizada da vida real, sem levar em consideração as experiências individuais e coletivas. Assim, os alunos não conseguem relacionar o que aprendem em sala de aula e o que vivem. Como transformar a escola em um espaço de ações valorativas?

Santos (2004b) conclui que a experiência social em todo o mundo é muito mais ampla do que a tradição científica ou filosófica ocidental conhece, e considera um fato importante que esta riqueza social – como as experiências dos estudantes - segue sendo desvalorizada. Para combater tal desperdício, denominado razão indolente, já que é fruto da supremacia da racionalidade ocidental, o autor propõe um novo modelo de racionalidade: a razão cosmopolita.

“Para haver mudanças profundas na estruturação dos conhecimentos é necessário começar por mudar a razão que preside tanto os conhecimentos como à estruturação deles”. Em resumo é preciso desafiar a razão indolente”. Santos (2002a, p.34)



A teoria crítica pós-moderna deveria ser construída baseada nos princípios emancipatórios da solidariedade e reconhecimento das diferenças de saberes: “Uma normatividade construída a partir do chão das lutas sociais, de modo participativo e multicultural” (SANTOS, 2002a, p. 37). Ou seja, teoria que ouve as opressões e aspirações dos múltiplos atores atuais.

Uma opção para colocar em prática as visões do português é a Educomunicação, que atribui novos sentidos aos conteúdos escolares a partir do diálogo entre os conhecimentos do educando e os conhecimentos escolares. Assim se pode construir uma nova concepção de mundo e favorecer a construção de um projeto educativo emancipatório.

A proposta é especialmente útil quando se pretende dialogar com sujeitos que marginalizados na sociedade – agora lembrando a sociologia das ausências -, sujeitos invisibilizados pelas ciências. É preciso pensar práticas que questionem os mecanismos de ocultamentos e façam emergir os saberes desse grupo.

Santos (2002a) afirma que temos o direito a sermos iguais sempre que a diferença nos prejudica e, ao mesmo tempo, o direito a sermos diferentes sempre que a igualdade nos descaracteriza. Surge, portanto, a necessidade de um novo projeto de educação, que a partir da concepção do paradigma Pós-Moderno, combata as desigualdades socialmente produzidas e promova a emancipação dos sujeitos do cotidiano escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendendo o cotidiano escolar como importante espaço social que é, Boaventura de Souza Santos mostra a necessidade de um esforço para identificar as ausências, potencializar as emergências e promover o diálogo entre os diferentes saberes, sem desperdício de experiências sociais. Ignorar o conhecimento trazido pelos alunos significa perpetuar paradigmas medievais, subalternizando-os numa estrutura hierárquica e excludente.

Reconhecendo o senso comum e o conhecimento científico como saberes distintos, mas semelhantes em importância e credibilidade, democratizam-se as relações de poder do cotidiano escolar; sem isso, a emancipação não é possível. Cabe à escolar possibilitar a articulação entre os saberes e proporcionar um grande encontro entre o senso comum e o conhecimento científico, promovendo a completude entre ambas,



aproximando àquilo que a ciência moderna fragmentou e hierarquizou. Esta complementariedade traz consigo o reconhecimento de educandos e educadores, possibilitando à esses sujeitos uma parceria em prol de uma educação emancipatória, pautada na democracia plural e na cidadania cosmopolita.

Nesse processo de mudança paradigmática da ciência, a Educação, no conjunto das ciências sociais, realiza um movimento de mudança do paradigma da segregação para o paradigma da inclusão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIES, P. — História Social da Criança e da Família — Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.

CARVALHO, J. M. Do projeto às estratégias/táticas dos professores como profissionais necessários aos espaços-tempos da escola pública brasileira. In: _____. (Org.). Diferentes perspectivas da profissão docente na atualidade. Vitória: EDUFES, 2004. p. 9-45.

CARVALHO, J. M. O cotidiano escolar como comunidade compartilhada. Anais do XII Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. Recife: Universidade de Pernambuco (UFP). ISBN. 85.373.0068-3 (comunicação). Abril, 2006, p. 22 a 26.

MOREIRA, Alberto. O projeto do humano na modernidade in: Do hemisfério Sol – Novo pacto da ciência – 2, MEDINA, C. e GRECO, M. (org). São Paulo: ECA/CJE/CNPq, 1993.

MORIN, E. Epistemologia da complexidade. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

SANTOS, B. de S. Introdução a uma ciência pós-moderna. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

_____. Para uma pedagogia do conflito. In: Silva, Luiz Heron; Azevedo, José Clóvis de; Santos, Edmilson Santos dos. Novos mapas culturais, novas perspectivas educacionais. Porto Alegre, 1996. p. 15-33.

_____. Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 1996.

_____. A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2002 a.

_____. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências in Revista Crítica de Ciências Sociais, 63, outubro/2002b: 237-280.

_____. (Org.). A globalização e as ciências sociais. São Paulo: Cortez, 2002c.

_____. Conhecimento prudente para uma vida decente: Um discurso sobre as ciências revisitado. São Paulo: Cortez, 2004a.

_____. Um discurso sobre as ciências. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004b.